

A personagem migrante em *As Maças Azuis*

The migrant character in *As Maças Azuis*

Paulo Jorge Teixeira Cavaco

CEMRI, Universidade Aberta
paulojtcavaco@gmail.com

Rosa Maria Sequeira

CEMRI, Universidade Aberta
rosa@uab.pt

Palavras-chave: Edila Gaitonde, hibridez, identidade, literatura, migração, personagem.
Keywords: Edila Gaitonde, hybridity, identity, literature, migration, fictional character.

O ensaísta dinamarquês Frank Søren define Literatura de Migração nos seguintes termos: “refere[-se] não apenas à vida do autor, mas também às vidas das personagens ficcionais, ao referencial temático global e às estratégias discursivas das narrativas” (2008, p. 15).

Segundo esta definição, a narrativa autobiográfica *As Maças Azuis: Portugal e Goa 1948-1961* (1987) da autoria de Edila Gaitonde¹, originalmente escrita em inglês, publicada na Índia e considerada pelo crítico literário indiano Bijay Kumar Das (2003) como pertencente à literatura indiana pós-moderna em inglês², pode

¹ Edila Gaitonde, natural da cidade da Horta (Açores), frequentou o curso do Conservatório Nacional de Música de Lisboa, tendo posteriormente feito a qualificação como professora do ensino liceal e foi professora em Nova Deli e em Londres. Trabalhou também como locutora dos serviços externos da *All India Radio* na capital indiana. É viúva de Pundlik Gaitonde, médico goês que se opôs ao regime salazarista e que veio a ser o primeiro representante hindu de Goa no Parlamento indiano, após a libertação do território em 1961. Além da obra em estudo na presente comunicação, originalmente publicada em inglês com o título *In Search of Tomorrow* (1987 e 2011), a autora publicou as seguintes obras: *The Tulsi and Other Short Stories from Goa* (2011), *A Cruz de Fogo – Amor e Ódio em Goa no Tempo de Garcia de Orta* (2013) e *Edmund, the Mariner* (S.d.).

² Apesar de o português ser a língua materna de Edila Gaitonde, a autora escreveu a obra em estudo em inglês, à semelhança das restantes. Tal facto coloca a questão da pertença a que sistema literário: trata-se de uma obra de literatura goesa? de literatura indiana? de literatura portuguesa? ou simultaneamente das três? Esta última hipótese tem ganho relevância nos últimos anos, nomeadamente no âmbito da Literatura de Migração em que muitos autores são migrantes e estão temática e linguisticamente ligados a mais do que um sistema literário. O desenvolvimento do conceito de literatura transnacional, surgido num contexto de globalização em que o global se sobrepõe ao local e o redefine e em que a dimensão transnacional da literatura ganha progressivamente maior relevância relativamente à dimensão nacional, apresenta-se como uma

ser entendida como uma obra de Literatura de Migração e por mais do que uma razão: pelo critério extratextual da origem migrante da autora, pelos critérios intratextuais da condição migrante das personagens e da temática da migração abordada. De entre as várias características que a tornam elegível para integrar o *corpus* deste subgénero literário, destaca-se, como referimos, a condição migrante de algumas personagens, nomeadamente da protagonista, em torno da qual versará o presente texto, embora na obra haja outras personagens que também são personagens migrantes.

Na construção da personagem principal, dois aspetos, intimamente relacionados entre si e de grande relevância na definição do subgénero literário da Literatura de Migração, desempenham um papel central: a questão da fronteira e a identidade híbrida da personagem.

Esta narrativa relata a história de uma jovem portuguesa católica, Edila, oriunda de uma família tradicional da ilha do Faial, que casa, nos anos quarenta do século XX, com um médico hindu, o Dr. Pundlik Gaitonde, Lica como a narradora o designa, natural de Goa e pertencente a uma família ortodoxa da casta dos brâmanes. Este matrimónio foi o primeiro casamento entre uma portuguesa e um hindu – “Fui a primeira mulher portuguesa a casar com um hindu, a viver na Índia e a seguir a cultura do marido” (Gaitonde, 2011, pp. 86-87), como a narradora por mais de uma vez afirma – e a sua história é um episódio no encontro do Ocidente com o Oriente, feito de encontros e desencontros, de avanços e recuos, sintetizando a narradora as vivências dos primeiros tempos na Índia como “as minhas experiências traumáticas” (Gaitonde, 2011, p. 122), expressão que noutros momentos da narrativa terá a oportunidade de explicar nos seguintes termos: “A minha experiência da Índia tinha sido até então de tal forma traumática que já não tinha energia nem vontade de responder a qualquer forma de ataque” (Gaitonde, 2011, p. 40).

Em suma, a personagem “tinha trocado o bem-estar e segurança do Ocidente pela complexidade e incerteza do Oriente numa altura de enorme confusão política” (Gaitonde, 2011, p. 132).

A curiosidade por terras desconhecidas e o desejo de as conhecer cedo começou a concretizar-se, quando, aos dezassete anos, a família trocou a cidade natal da Horta por Lisboa, a fim de Edila prosseguir os estudos no Conservatório Nacional de Música, dando assim início ao percurso de vida de um ser migrante, marcado pela constante movência e pela mudança³, que a levou a estabelecer-se por períodos de tempo variados em diversos espaços geográficos da Europa (Lisboa, Porto, Paris e Londres) e sobretudo do subcontinente indiano (território de Goa, Bombaim e Nova Deli), onde passou grande parte da vida, obrigando-a tais deslocações a atravessar constantemente fronteiras, não só fronteiras geográficas, mas também, e sobretudo, fronteiras sociais, culturais, linguísticas e político-ideológicas.

resposta para a questão da dupla ou múltipla pertença de obras literárias a determinados sistemas literários.

³ O movimento e a mudança são características associadas ao momento histórico atual intensificadas pelo processo de globalização em curso e que têm grande relevância na Literatura de Migração.

O presente texto centrar-se-á exclusivamente no contacto que a personagem estabeleceu com a Índia. A narradora dá constantemente testemunho dos desafios enfrentados, decorrentes da transposição das fronteiras geográficas, e de como esta deslocação física, que inclui a experiência de condições climatéricas desconhecidas, como as monções, deu origem à necessidade de ultrapassar outras fronteiras, bem mais difíceis que a simples deslocação espacial.

Se na parte inicial da obra sobressaem particularmente os desafios suscitados pela transposição dessas diversas fronteiras, que tomam muitas vezes a forma de choques culturais, à medida que a narrativa avança, a novidade e a estranheza da realidade aí encontrada dá lugar ao relato da atividade política subversiva do movimento independentista goês, que o marido de Edila integrava.

O estabelecimento da personagem na Índia constituiu um desafio radical, uma vez que a realidade oriental era não só diametralmente distinta da ocidental, mas também bastante complexa nos mais variados âmbitos (social, religioso, político, cultural e linguístico), conforme relata a narradora:

Uma vez mais teria de sair do meu ambiente, desta vez para viver entre pessoas que não falavam a minha língua, não partilhavam a mesma religião ou os mesmos hábitos. Tudo aquilo a que estava habituada era para elas alheio e a maneira de viver dessas pessoas totalmente diferente da minha. (Gaitonde, 2011, p. 17)

Noutra passagem a narradora dá conta do efeito que a sua chegada àquela parte do globo teve sobre ela:

O impacto foi violento. Acabava de chegar a um mundo totalmente diferente, impregnado de cheiros intensos e vozes múltiplas em línguas múltiplas. As pessoas pareciam diferentes, vestidas de maneiras diversas, falando uma babel de línguas estranhas e sempre apressadas, num contínuo vaivém, a empurrar carrinhos ou em discussões umas com as outras. (Gaitonde, 2011, p. 27)

E questiona-se sobre a efetiva possibilidade de encarnar uma mudança radical: “Mas poderia mudar de maneira tão radical?” (Gaitonde, 2011, p. 53).

A Índia, onde a protagonista chega no final dos anos quarenta com o esposo, correspondia à pequena possessão territorial portuguesa de Goa, um dos últimos vestígios da presença colonial europeia no subcontinente indiano⁴, geograficamente situada entre o Oceano Índico, por um lado, e, por outro, o vasto território da União Indiana que obtivera recentemente a independência do Império Britânico.

Sendo goesa, a família do marido tinha nacionalidade portuguesa, mantendo, contudo, uma estreita ligação à União Indiana por pertencer à comunidade hindu, pelo que a dissolução da fronteira política que separava o Estado Português da União Indiana era uma prioridade para esta sociedade autóctone que preconizava a integração do território de Goa nesta última. A circulação dos membros da comunidade hindu entre os dois territórios políticos fazia-se com facilidade, havendo muitos familiares e amigos dos Gaitonde que residiam na União Indiana, nomeadamente nos grandes centros urbanos como Bombaim. O

⁴ Além dos territórios coloniais portugueses de Goa e Diu, no subcontinente indiano, existiam também pequenas possessões territoriais francesas, igualmente reclamadas pela União Indiana.

acompanhamento do cônjuge no cumprimento de obrigações políticas, nomeadamente à capital Nova Deli, as visitas, sobretudo de carácter familiar, a Bombaim e as viagens turísticas, como a efetuada a Cachemira, foram oportunidades para a protagonista se deslocar pelo território da União Indiana e aprofundar o seu conhecimento das realidades locais.

Além da situação política regional delicada, decorrente da luta do movimento independentista goês pela integração do território na União Indiana, Edila encontra em Goa igualmente uma estrutura social complexa, com diversas comunidades coexistindo no mesmo espaço, mas não interagindo, contudo, entre si: “Sempre me espantou como estes dois mundos podiam viver tão perto e ao mesmo tempo tão longe!” (Gaitonde, 2011, p. 96). Por um lado, existia a comunidade portuguesa constituída pela população oriunda da metrópole, que estava no território ao serviço do Estado Português, congregando-se em torno do Governador-Geral, que o representava, e que integrava o pessoal da administração portuguesa (detentores de cargos políticos e judiciais, forças militares e de segurança e autoridades religiosas), isto é, “uma pequena elite satélite que se reunia à volta do governador-geral e que estava sempre presente às quintas-feiras nos chás do Palácio do Cabo” (Gaitonde, 2011, p. 79), e, por outro, existiam as comunidades autóctones católica e hindu de Goa.

Essa estrutura social complexa refletia igualmente as relações de poder desequilibradas entre as diversas comunidades. Enquanto “quase dois terços da população de Goa eram hindus e a restante terça parte era católica apostólica romana, usualmente chamada cristã” (Gaitonde, 2011, p. 47), o poder estava essencialmente concentrado nas comunidades cristãs, que ostracizavam aqueles que resistiram à assimilação cultural, nomeadamente à conversão religiosa: “Durante séculos, o poder e o dinheiro estiveram nas mãos destes [cristãos], enquanto os hindus aprenderam a aceitar uma coexistência pacífica com os seus vizinhos cristãos” (Gaitonde, 2011, p. 47).

É neste complexo enredo que a personagem se movimenta. Partilhando laços com as diversas comunidades, a protagonista procura integrar-se nelas, interagir com todas e participar na vida social de cada uma, sendo esta sua atitude uma novidade nas relações intercomunitárias em Goa: “Como europeia católica, casada com um hindu, tornava-me a ponte natural que unia estas duas sociedades” (Gaitonde, 2011, p. 48).

Que aspetos aproximam e distanciam a protagonista de cada comunidade? Por um lado, a aproximação à sociedade hindu resulta do matrimónio de Edila com um dos seus membros, tendo a personagem sido sujeita a cerimónias que marcaram o seu nascimento oriental e que incluíram a atribuição de um nome próprio – Shakuntala – pela sogra. A integração nesta família implicou a adoção dos seus usos e costumes, dando a narradora conta deles a respeito dos mais variados âmbitos da vida quotidiana, entre os quais se destaca a indumentária, em particular o uso do sari, a confeção de pratos gastronómicos indianos, os rituais que compõem uma refeição no seio de uma família brâmane, as condições habitacionais, nomeadamente a higiene, as festividades celebradas por motivos diversos (as cerimónias de *barasah*, de *otti bharná* e de *haldi-kum kum*, as festividades de *Ganesh Chaturthi*, de *sankrant* e de *holi*), assim como a aprendizagem de um novo código social.

No que respeita a este último aspeto, a narradora exemplifica-o abundantemente ao longo da narrativa, pois nele reside um dos principais desafios que enfrentou: “Lica repetia constantemente o que eu teria de fazer ou não fazer quando lá chegássemos: como devia cumprimentar a família e a quem me dirigir primeiro” (Gaitonde, 2011, p. 25); “nunca devia usar a mão esquerda para pegar na comida” (Gaitonde, 2011, p. 31) por ser “considerada uma mão impura” (Gaitonde, 2011, p. 32); “nunca se deve servir o caril por cima do arroz” (Gaitonde, 2011, p. 32); e “evitando, cuidadosamente, olhar-me de frente, como mandava a decência” (Gaitonde, 2011, p. 36), para referir apenas alguns exemplos.

Do ponto de vista da comunidade hindu, a integração de Edila no seu seio pressupunha a desvinculação desta relativamente aos usos e costumes europeus-católicos: “[Lica] queria que esquecesse todo o passado, incluindo a minha música” (Gaitonde, 2011, p. 53). Contudo, apesar da intenção que a personagem abraçasse de corpo e alma a identidade hindu, foram surgindo pequenas cedências de parte a parte, pelo menos no espaço privado. Por exemplo, “irritações de pele e brotoeja à volta da cintura” foram motivo para “deixar o sari e usar vestidos, pelo menos em casa” (Gaitonde, 2011, p. 53).

Por outro lado, com a comunidade portuguesa oriunda da metrópole a protagonista partilhava a identidade social e cultural portuguesa, alicerçada na mesma língua materna e numa história comum assente em valores cristãos. Por outro lado, ainda, os valores do Cristianismo eram o ponto de ligação à comunidade católica goesa.

Quanto a aspetos que dificultam a sua interação com cada uma das comunidades, constata-se que, no caso da comunidade hindu, o facto de não ser uma hindu de nascença impede a sua integração plena, pois, para o Hinduísmo, “um hindu nasce hindu e não se torna hindu” (Gaitonde, 2011, p. 16). A casta dos brâmanes, a mais alta na estratificação social hindu, preconizava a manutenção da pureza étnico-religiosa do grupo através da eliminação de quaisquer laços com as castas inferiores ou com cristãos e muçulmanos. Deste ponto de vista, o matrimónio entre Edila e Lica foi considerado catastrófico (Gaitonde, 2011, p. 15) mas para ela constituiu um desafio que punha em causa os valores tradicionais seguidos quando Lica decidiu não “casar com uma rapariga brãmã, segundo a escolha do pai, como ditava a velha tradição” (Gaitonde, 2011, p. 15): “famos destruir uma tradição religiosa e uma maneira de viver que tinha perdurado livre de influências exteriores, desde tempos imemoriais” (Gaitonde, 2011, p. 15).

A pressão exercida pela comunidade hindu sobre a família Gaitonde recaiu diretamente sobre Edila (por exemplo, quando tentaram barrar-lhe o acesso a cerimónias religiosas) ou sobre os restantes membros, através dos mesmos gestos de exclusão: o sogro de Edila foi arredado do convívio diário por alguns membros mais conservadores da comunidade hindu:

A minha família indiana é que tinha ficado lesada [...] o próprio Babá, o anfitrião, tinha sido repudiado por alguns dos outros brâmanes da aldeia de Palolém, mesmo depois de eu já ter sido bem recebida por outros da mesma aldeia. [...] Tinha-se tornado uma casa “impura”. E esta era a pior ofensa para um brãmã de casta superior. (Gaitonde, 2011, p. 64)

Por isso, a resistência à aprovação do casamento veio tanto do seio da família do marido como do grupo de amigos: no primeiro caso, nas diversas cartas remetidas da Índia, o pai de Lica manifestou uma clara oposição às intenções do filho, sendo esta desaprovação periodicamente alimentada pelo tio paterno Bhau, que “fora sempre o grande opositor ao nosso enlace” (Gaitonde, 2011, p. 39) e que fora o último familiar que os recém-casados visitaram quando se instalaram no subcontinente indiano; no segundo caso, Priti, o amigo de Lica, igualmente residente em Portugal, desaprovou este casamento, tendo contudo ele próprio contraído matrimónio com uma portuguesa católica anos mais tarde.

O carácter prescritivo do Hinduísmo, a cosmovisão dos brâmanes assim como as dificuldades comunicacionais de Edila, decorrentes do desconhecimento das línguas locais, recorrentemente sublinhadas pela narradora, constituíram entraves a uma mais profunda e mais rápida integração da personagem na sociedade hindu.

Da comunidade portuguesa congregada em torno do Governador-Geral distancia-a o facto de ter contraído matrimónio com um hindu, de ter adotado os usos e costumes hindus, sobretudo o vestuário, e de estar vinculada a pessoas que integravam o movimento independentista goês. A integração de Edila na comunidade hindu não se fez sem a reprovação da comunidade portuguesa, como o demonstra a reação do mais alto dignatário da Igreja Católica Apostólica Romana no Oriente, um conterrâneo açoriano de Edila: o “patriarca tinha ficado muito ofendido comigo por ter ido visitá-lo de sari e com a cintura descoberta” (Gaitonde, 2011, p. 61).

Da comunidade católica goesa separa-a ainda o facto de pertencer, por laços familiares, a outra comunidade com a qual não só não havia qualquer relação como havia um desconhecimento mútuo que criava um grande fosso: “Havia pouco interesse ou curiosidade de parte a parte” (Gaitonde, 2011, p. 52) enquanto “as duas comunidades viviam estritamente segregadas e histórias narradas sobre costumes e tradições de parte a parte não passavam, por vezes, de grandes fantasias” (Gaitonde, 2011, p. 17).

A gestão destas relações familiares e sociais complexas dificultou a adaptação da personagem ao novo espaço, uma vez que teve de integrar-se na comunidade hindu, radicalmente distinta da sua comunidade de origem, mas também por ter procurado manter laços sociais com as comunidades cristãs existentes localmente, oscilando assim a sua atuação no espaço público entre diferentes valores e códigos sociais.

O contacto com realidades tão distintas obrigou a uma reconfiguração da identidade da personagem que se traduziu na formação de uma identidade híbrida característica da personagem migrante. A vivência durante um período de tempo num território de acolhimento faz com que a identidade do migrante já não corresponda ao momento da sua chegada, mas também não há uma identificação plena com a sociedade de acolhimento. É antes uma identidade híbrida, onde se mesclam traços de diferentes proveniências num processo dinâmico que originará uma identidade outra, distinta das primeiras, e que responde a um desafio pessoal, simultaneamente uma necessidade e uma vontade: a integração numa comunidade originalmente estranha.

As identidades híbridas correspondem àquilo que Stuart Hall designa por “novas identidades” e que se caracterizam pela fragmentação do “indivíduo moderno, até aqui concebido como um sujeito unificado” (1998, p. 7). O sujeito deixou de ser visto como tendo uma única identidade e passou a ser composto “de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (1998, p. 12).

A formação da identidade híbrida favoreceu o equilíbrio que a personagem ambicionou ao integrar a comunidade hindu, procurando conciliar a sua identidade cultural ocidental católica com a identidade cultural da comunidade de destino. Decorrente dos desafios enfrentados, a identidade da protagonista é constantemente sujeita à renegociação, facto apontado por Stuart Hall ao considerar que se trata de um processo dinâmico. Esta renegociação permanente da identidade visava evitar ou, pelo menos, minimizar o confronto com a sociedade de acolhimento, em nome da integração, não abrindo, contudo, a personagem completamente mão das práticas culturais de raiz ocidental, buscando antes a harmonia que lhe permitisse a realização pessoal. O gosto e a prática musical revelaram-se neste âmbito o aspeto mais significativo.

A expressão “transposição da fronteira” tem sido por nós usada, neste texto, tanto para fazer referência às fronteiras geográficas como às sociais, às culturais, às linguísticas e às político-ideológicas. Seguindo a proposta de António de Sousa Ribeiro (2002), a ideia de transposição de fronteira será melhor aplicável no caso das fronteiras físicas, ao passo que, nos outros tipos de fronteiras, o que efetivamente tem lugar é uma deslocação da fronteira, sem que esta desapareça. A fronteira que separa o *eu* ocidental do *outro* oriental sofre deslocações, mas subsiste sempre, não desaparecendo nunca, porque o seu desaparecimento significaria a identificação total de Edila com a comunidade de acolhimento, o que equivaleria à anulação da alteridade. O que tem lugar é um movimento de aproximação levado a cabo tanto por Edila como por aqueles que com ela interagem, na Índia, originando essa aproximação uma reconfiguração da fronteira.

A riqueza do conceito de fronteira deriva das várias potencialidades nele englobadas e, no caso de Edila, a fronteira, não obstante ser sempre um desafio, revelou-se sobretudo uma oportunidade, pelo enriquecimento pessoal proporcionado nos mais diversos níveis, tendo-lhe permitido alcançar uma síntese entre o Ocidente e o Oriente ou, como Antoine e Nitsch afirmam, “a fronteira, longe de separar, é igualmente o que une” (2015, p. 9). Tal ideia está presente nas seguintes afirmações da narradora:

estava já demasiado envolvida com a vida na Índia e a minha família indiana. Começava a sentir que era grande a força que me puxava para o Oriente. [...] Não gostava do desconforto e do intenso calor tropical da Índia, mas sentia-me atraída pela diversidade daquela vida tão cheia de cor que todos os dias nos trazia qualquer coisa de novo e onde o calor das nossas amizades era tão acolhedor. (Gaitonde, 2011, p. 66)

Referências bibliográficas

Antoine, P., Nitsch, W. (2015). Introduction: le mouvement des frontières. In *Le Mouvement des frontières: Déplacement, brouillage, effacement* (pp. 9-16). Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.

- Das, B. K. (2006, 2003). *Postmodern Indian English Literature*. Nova Deli: Atlantic.
- Frank, S. (2008). *Migration and Literature: Gunter Grass, Milan Kundera, Salman Rushdie, and Jan Kjaerstad*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Gaitonde, E. (2011). *As Maças Azuis: Portugal e Goa 1948-1961*. Dafundo: Editorial Tágide.
- Hall, S. (2005). *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Ribeiro, A. S. (2002). A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira. In B. S. Santos (Org.), *A Globalização e as Ciências Sociais* (2ªed., pp. 475-501). São Paulo: Cortez Editora.

Resumo

A presente comunicação analisa a possibilidade da narrativa autobiográfica *As Maças Azuis: Portugal e Goa 1948-1961* (1987) de Edila Gaitonde ser considerada uma obra de literatura de migração. Para tal, analisar-se-ão duas questões consideradas centrais na Literatura de Migração: a questão da identidade híbrida da personagem migrante e a questão da fronteira, aspetos intimamente relacionados entre si.

O percurso da protagonista é o de um ser migrante, marcado pela mudança e pelo movimento, que atravessou constantemente fronteiras, não só físicas, mas também, e sobretudo, culturais, sociais, linguísticas e político-ideológicas. Em virtude de ter contraído matrimónio com um médico nacionalista hindu e opositor ao regime colonial português, os desafios enfrentados pela personagem estão marcados pelo seu encontro com o Oriente (ou com as diversas realidades sociopolíticas e culturais da Índia) aquando da mudança para essa parte do globo, assim como pelo combate político ao partilhar com o esposo os valores da democracia e o sonho de uma Goa independente. A transposição constante de fronteiras repercutiu-se na identidade açoriana-portuguesa-católica-ocidental da protagonista, em resultado das relações de vária ordem (pessoais, familiares ou sociais) estabelecidas com a heterogeneidade de comunidades existentes em Goa ¾ a comunidade portuguesa constituída pela população oriunda da metrópole e que estava no território ao serviço do Estado Português, representando-o, e as comunidades autóctones cristã e hindu de Goa. A integração da personagem nesse espaço sociocultural levou a uma reconfiguração da sua identidade, que se traduziu na formação de uma identidade híbrida, a qual favoreceu, por seu turno, o equilíbrio almejado pela personagem com vista a conciliar a sua identidade cultural ocidental com a das comunidades existentes no Oriente, particularmente a hindu, procurando evitar ou minimizar o choque cultural.

Abstract

In this paper we analyse the possibility to consider the autobiographical narrative *In Search of Tomorrow* (1987) by Edila Gaitonde to be considered migration literature. Therefore, we will study two issues considered central in Migration Literature: the issue of migrant fictional character's hybrid identity and the issue of borders, items related the one to the other.

The life course of the protagonist is identified as a "migrant", emphasized by the changes and movements, who constantly crossed borders not only physical ones but mainly cultural, social, linguistic, political and ideological borders. When leaving to another country due to her marriage to a Hindustan nationalist doctor and an opponent to the Portuguese colonial regime, she deals with the challenges of the Eastern culture (or the different social, cultural and political realities of India). At the same time, the protagonist fights a political battle sharing with her husband the values of democracy and the dream of an independent Goa.

The constant cross-border movement had consequences in the Azorean-Portuguese-catholic-western identity of the protagonist, because of the several types of relationships (personal, family or social) established within the heterogeneity of the communities of Goa. The Portuguese community came from the mainland and it was established in the territory to serve and to represent the Portuguese government as well as the Christian and Hindu autochthone communities of Goa. On the one hand, the integration of the protagonist in that social and cultural environment led to a reconfiguration of her identity which can be translated in the building up of a hybrid identity. On the other hand, expecting to diminished or avoid the cultural shock, that hybrid identity sought a balance in order to conciliate the protagonist's cultural western identity with those of the Eastern communities, particularly the Hindi community.